

Editorial

No início de mais um ano da nossa curta existência, começamos este editorial com uma chamada de atenção para a década que agora se inicia. Esta é uma "Década Crucial" para todos os povos do planeta. Não adianta que os senhores do mundo se reúnam em Kioto, Copenhague ou na Cidade do México para decidirem sobre a redução dos gases com efeito de estufa a que cada continente ou país industrializado se deve obrigar, ou para decidir quanto devem pagar aos países subdesenvolvidos para os compensar de eventuais catástrofes que venham a sofrer por causas naturais. Não! Não adianta que eles cheguem a acordo sobre os níveis de poluição a que cada um dos países ricos se devem permitir ou aos milhões que os países mais pobres vão receber como compensação. Nesta década é crucial deixar de usar o verbo, para passar á acção sob pena de ser o próprio planeta a compensar os excessos e a destruição ambiental causados pela espécie humana. O planeta como organismo vivo que permite a vida de inúmeros outros seres, tem formas de se auto-proteger. Já é assim há biliões de anos, muito antes do aparecimento do homosapiens, e assim vai continuar ser por mais alguns milhares ou milhões de anos, enquanto a estrela continuar a aquecer a terra, mesmo que o ser humano já cá não esteja. Se os países industrializados não procurarem reconverter, ou desenvolver outras fontes de energia não poluentes, vamos assistir durante esta década ao aumento de catástrofes naturais que provocarão a deslocação de milhares ou milhões de pessoas dos seus habitats naturais para outras regiões do planeta que poderão não ser mais seguros, nem garantir o suporte sustentável da vida humana por muito tempo. As catástrofes naturais a que assistimos na última década o Katrina em New Orleans, o Tsunami na Indonésia e Tailândia, Cheias na China, na América do Sul e na Europa. O aumento da temperatura na superfície do planeta, e a consequente desertificação em algumas partes do globo, são prenúncios que não auguram nada de bom para o mundo e para a espécie humana na década que agora se inicia. Como podemos nós, simples cidadãos anónimos deste mesmo planeta, ajudar a corrigir e a evitar o aumento da poluição da terra? A resposta é simples! Consumindo menos! Seja mais cuidadoso e comedido na utilização dos recursos que ainda temos em quantidade. Consuma menos e poupe mais para que os seus filhos e netos possam usufruir no futuro de bens essenciais como a água e o ar, que permitem a vida humana neste belo planeta azul. O futuro do planeta depende de cada um de nós, de mim e de si, mais do que dos senhores do mundo. Faça a sua parte. Cuide do planeta cuidando da terra onde vive, os seus filhos e netos vão agradecer-lhe por lhes legar, uma terra em que possam habitar e ser felizes.

Esta é também a Década Crucial para a Europa se afirmar como uma união de Estados, capaz de liderar, com os Estados Unidos, a evolução intelectual e científica da humanidade, sem abdicar dos valores espirituais e humanistas em que assentam a história e a cultura europeia. Esta será a década para afirmação ou desmoronamento da União Europeia, obrigando os europeus a decidirem sobre as liberdades, direitos e garantias que dão aos emigrantes de outras culturas e ás minorias que condicionam e

limitam a liberdade e modo de vida dos europeus. Esta é a década em que os europeus vão sentir que a Europa da economia e da solidariedade não poderá existir sem os valores culturais, históricos e religiosos que deram origem ás nações que compõem a União Europeia.

Para Portugal, esta é a década de todos os desafios. Tendo abdicado e perdido o império no século passado, décadas de democracia e liberdades conduziram os portugueses ao descalabro económico e pobreza que os historiadores hoje, começam a comparar ao período que antecedeu o Estado Novo. E como já não há portugueses como os da época do Estado Novo, e políticos capazes de governar o país com honestidade e dedicação, nem militares capazes de restabelecer os valores morais e a honra desta pequena Nação quase milenar, vamos viver uma década de convulsões sociais, e provavelmente alguma anarquia, porque os portugueses já não acreditam nos políticos que os governam (excepto eles mesmos). Não acreditam nos deputados que os representam na Assembleia dos partidos. Não acreditam na Justiça e nos tribunais que têm e ainda menos confiam nos advogados. Em geral, os portugueses vão perdendo a confiança no SNS, e ainda menos confiam nos médicos por os considerarem mercantilistas, por vezes quase mercenários das instituições privadas e do capital. Na força da palavra escrita ou dita os portugueses já não ligam, nem dão importância á comunicação social, (excepto ao que se escreve nos jornais desportivos) porque também não acreditam na liberdade de imprensa, nem nos meios de comunicação mais importantes do país que, de um modo ou outro, estão condicionados ou sujeitos ao poder político, económico, ou a ambos para poderem sobreviver. A Portugal só restam agora o povo anónimo, os cidadãos que ainda se regem por um incompleto slogan do século passado "Pátria e Família", ou melhor dizendo Família e Pátria, e os outros portugueses de antigamente que nunca deixaram de se reger pelo slogan " Deus! Pátria! Familiar" e ainda são hoje milhares desses portugueses que, para além das suas vidas profissional, dão muito do seu tempo e rendimentos para as instituições de solidariedade



Editorial

social da Igreja Católica ou de algumas entidades privadas, e que ajudam assim a minorar a miséria e o sofrimento de outros milhares de portugueses. Restam também os professores do ensino secundário essa classe profissional do ensino público e privado que apesar das vicissitudes porque têm passado, os condicionalismos das políticas, dos diferentes programas de ensino e reformas desde o 25 de Abril, continuam a ser a esperança de renovação e recuperação do nosso país pela formação académica que dão aos nossos jovens e sobretudo pela formação moral e ética que forem capazes de dar aos seus alunos. O futuro de Portugal estará nas mãos do nossos jovens, mas esse futuro dependerá sempre do que os professores na escola, e os pais em casa, forem capazes de lhes ensinar hoje. É por todas estas razões que a década é crucial também para Portugal, e nenhum português poderá alhear-se, ficar de fora, desertar ou fugir à sua responsabilidade de lutar para defender a continuidade do seu país e a sua identidade nacional.

E para terminar este editorial que marca o início de uma nova década, guardei para o fim o meu Algarve, a terra onde nasci e onde espero um dia deixar este mundo. Para o Algarve esta também será uma Década Crucial para a manutenção do status do Algarve como um destino seguro e de excelência para o turismo. Se Deus ou a natureza nos deu a benção do clima que temos, a beleza das praias e um céu azul que dá uma luminosidade especial ao Algarve, e atrai os clientes da nossa única indústria, o turismo, que é a fonte de subsistência dos algarvios, cabe ao governo, às autarquias, às forças policiais e à população em geral unir esforços e meios para garantir a segurança dos turistas nacionais e estrangeiros que nos visitam e dos que decidem residir ou investir na nossa região. Sem turismo não há trabalho, não há emprego e não há outros meios de garantir a subsistência da maior parte da população. A segurança não é uma questão para ir resolvendo durante a década é para resolver já em 2010 e continuar a melhorar e aperfeiçoar nos anos seguintes. A emigração é outra questão que é preciso resolver a muito curto prazo, com mais controlo nos vistos de trabalho, autorizações de residência ou de permanência na região. Outro problema que tem que ser resolvido em muito menos

tempo que uma década é a questão ambiental, não será possível promover e aumentar a oferta turística e a procura do destino Algarve, se não se começar já em 2010 a dar outra imagem da região, a começar por mais limpeza em todas as áreas desde a limpeza urbana, amontoados de lixo, carros velhos abandonados, casas e prédios em degradação. Limpeza de terrenos rurais e colocação de sebes ou vedações e recuperação ou demolição de casas rústicas em mau estado de conservação ou em ruína, particularmente as de beira de estradas e caminhos. Esta é uma década crucial para os algarvios evoluírem em todos os sentidos, em termos de mentalidade, inteligência, sensibilidade cultural e ambiental e sobretudo de amor à sua região, à sua família e à sua gente, e somos nós todos que temos que nos esforçar e trabalhar mais para isso. Se assim não for bem poderemos associar-nos aos países do norte de África, e começarmos a habituar-nos à desertificação territorial e humana da região e, eventualmente, começarmos a orar duas vezes por dia virados para Meca.

O que vai acontecer de crucial nesta década que agora se inicia, depende só de si! Depende da sua atitude! Depende das suas opções políticas, e outras! Mas depende sobretudo das suas escolhas dia a dia para decidir em cada momento o que será melhor, não para o seu presente, mas sim para o futuro dos seus filhos e dos seus netos.

Desejo-lhe um bom ano de 2010 com saúde, trabalho e o merecido sucesso.

O Editor

Colabore para o bom ambiente da sua região,
da sua cidade, do seu bairro ou da sua rua!...



... não suje a sua terra!...

... os seus netos vão agradecer-lhe!

Editorial

Caro leitor previna-se e segure-se porque 2010 vai ser um ano muito complicado para todos nós, para si, para a família, para as empresas, para a nossa região e para este país de que fazemos parte desde 1249.

É que a confusão na governação do país e na cabeça dos portugueses, é tão grande que, como sociedade, mais parecemos uma barata tonta, porque ninguém sabe para onde vamos ou o que fazer para escapar ao “dum dum” que nos atordoa. A maior parte dos portugueses vêem aumentar o desemprego, a insegurança, a ineficiência dos serviços públicos, da justiça, saúde, educação, e não sabem o que fazer. Enquanto outros, felizmente ainda poucos, fazendo jus ao velho ditado “Quem tiver um olho, em terra de cegos, é Rei” sabem o que fazer e governam-se à grande e à francesa dando vivas à República e à política que é uma grande porca, com muitas tetas, como a ilustrou Bordalo Pinheiro.

Com as dificuldade que o país atravessa, o governo começou o ano fazendo aprovar na “assembleia dos partidos”, com os votos do PS, BE e PCP, uma lei anti-natura que permite o casamento de indivíduos do mesmo sexo. Esta lei coloca Portugal no sexto país do mundo a legalizar os casamentos gay. Estão por isso de parabéns todos os homossexuais portugueses assumidos, bem como todos os outros portugueses que querem vir a fazer parte deste activo grupo de cidadãos, que já têm uma significativa representação na Assembleia da Republica tendo em conta o número de deputados que votou a favor da lei. Esta lei vai abrir novas perspectivas a Portugal desde logo no plano económico, por tornar Portugal um país de destino para os gays e lésbicas celebrarem casamentos com muita pompa e glamour. O Algarve deverá ser a região do país que mais beneficiará desta procura dado que, como todos sabem, o calor aumenta o libido, o desejo sexual e o “amor” destes “casais” que vão preferir o Algarve para recarregar as baterias e, à falta delas, ainda têm por cá, por enquanto, muitos ZéZés para satisfazer as impotências e os vícios de uns e outros. Se a lei passar no tribunal constitucional e for promulgada pelo Sr. Presidente da Republica será bom, caro leitor, que se habitue à ideia de presenciar nas ruas, praias, esplanadas, restaurantes e discotecas do Algarve “cidadãos, cidadãs, gajos, gajas” aos beijos. Se estiver com crianças tape-lhes os olhos ou, se ama a liberdade, deixe-os ver para que a criança possa sentir vontade, desejo de experimentar e decidir se também quer ser gay ou lésbica mesmo antes de “quando for grande”. E com a legalização dos casamentos gay os portugueses resolveram mais um problema que os impedia de ser felizes.

Outra lei aprovada em 2010 foram as alterações ao código penal promulgado na anterior legislatura. Com estas alterações o governo e o partido que o suporta vêm dizer aos portugueses que governam por experimentação e, mais uma vez, demonstram que o povo, ou a maior parte da sociedade, é a cobaia das formulas aplicadas pelos governantes e deputados. Que os governantes e os deputados ganhem experiência no exercício da sua actividade, e que cometam erros, isso o povo sabe, sente na pele, e no bolso as consequências das asneiras cometidas por quem governa, e mesmo

assim perdoa e vai votar. Estas alterações ao código penal “Depois de casa arrombada, trancas à porta” poderá ser tarde, porque como dizia o amigo Zarro, “Quando uma pessoa se suja, na se lava nem com quanta água o mar tem” e no Algarve, o aumento da criminalidade e particularmente a criminalidade violenta está, há já algum tempo a dar uma má imagem e má fama à região, ao ponto de muitos residentes estrangeiros equacionarem a permanência por cá e, inclusive alguns desaconselham outros de comprarem casas, propriedades ou mesmo investirem no Algarve. Esperemos que 2010 não seja um ano tão complicado em termos de segurança como foi 2009, esperemos que não, mas pelo sim pelo não prepare-se e segure-se.

Com o que aconteceu no distante Haiti, o primeiro terramoto de 2010 e as consequências do sismo que destruiu Port au Prince e causou tantas vitimas é um sério aviso para as catástrofes e calamidade que podem acontecer em qualquer lugar do mundo. O Algarve é, como todos sabem, uma região sujeita a risco sísmico por isso é importante que as autarquias se organizem e tenham planos de coordenação local para prestação de socorros rápidos. É bom não esquecer que, com muito alarido na comunicação social, Portugal lá enviou um avião C-130 com ajuda humanitária para o Haiti e que, por avaria do avião, teve que regressar a Lisboa não fosse o avião com as insígnias de Portugal cair no Atlântico. Em caso de desastre na região já sabe com o que pode contar, por isso previna-se e segure-se, “lembre-se que o seguro morreu de velho”. Procure informação para saber como minimizar consequências em caso de sismo. Informe-se, leia ou veja imagens, memorize, porque os conhecimentos que tiver sobre sismos poderão ser o melhor seguro para si e a sua família.



Este ano a república e os republicanos comemoram 100 de regime republicano. Os republicanos comemoram a implantação da república que começou com o assassinato do Rei de Portugal e do seu herdeiro, um acto que nos nossos dias seria declarado terrorismo e os republicanos seriam considerados um bando terrorista. Comemoram a 1º república que teve também os seus crimes e assassinatos. Comemoram os 40 anos do Estado Novo. E comemoram os 36 anos da 3ª república com as virtudes e defeitos que se lhe conhecem. Estou certo que a maioria dos portugueses não vai comemorar coisa nenhuma porque lhes é indiferente viver num regime republicano, monárquico ou na quase anarquia em que vive presentemente. Os portugueses são um povo dócil que se contenta com o que lhe resta, daí ser-lhes indiferente as comemorações que venham a realizar-se. Claro que liberdade de se alhear das comemorações do centenário, não se aplica a todos os portugueses, por isso recomendamos aos nossos leitores e leitoras, que são funcionários públicos, às pessoas que recebem o subsídio de reintegração social, ou subsídio de desemprego e outros beneficiários do erário público, que se previnam e segurem porque se não participarem e não forem vistos nas comemorações oficiais isso pode significar prejuízos nas suas vidas e rendimentos.

Ainda mal acabou 2009 ano em que o governo montou o circo para 3 actos eleitorais, e já o político poeta se perfila para se candidatar a presidente da República em 2011. Realmente Portugal é um país de líricos. O putativo candidato a presidente faz lembrar a fábula de La Fontaine, como se não bastasse, cada vez mais, termos menos que comer porque vai diminuindo o número de formigas que trabalham, agora aparece esta cigarra lírica a cantar odes à poesia, como se os poemas e o lirismo enchessem a barriga das formigas que já pouco têm para comer. Será que a cigarra sobrevive até ao fim do inverno em 2011? É que as formigas que ainda trabalham e ajudam a alimentar outras que não têm o que comer, estão muito apreensivas com o que podem colher e armazenar na Primavera e Verão de 2010 para o Outono e Inverno que se seguirá, e que se for tão mau como o que já passaram, é muito provável que as formigas se recusem a alimentar as cigarras. Para os leitores que não têm trabalho, também recomendamos que se previnam e segurem, procurando trabalhar em alguma coisa que ajude o orçamento familiar de quem lhes dá um tecto, alimenta e subsidia.

Para terminar este editorial, como sempre, não posso deixar de o fazer com uma nota de optimismo para que você se anime, e consiga animar os que consigo convivem e trabalham. É que, por muito mal que estejamos em Portugal e no Algarve, "sem usar aquela desculpa que há países piores", o importante é você acordar "vivo" em cada dia, e com vontade de trabalhar para melhorar a sua própria qualidade de vida, a dos seus familiares, dos seus amigos e da sua terra. Se você conseguir isso nós ficamos muito felizes por si. Nós continuamos a tentar atingir isso em cada dia que despertamos para a vida.

Editorial

Março é o mês em que chega a Primavera, prenúncio de mais sol, mais luz e mais cores desabrochando por todo este Algarve para nos ajudar a esquecer os dias cinzentos, chuvosos e frios dos últimos meses deste Inverno, que foram de facto de tristeza e descontentamento para todos aqueles que trabalham, cumprem com os seus deveres e obrigações para com o país, a sua terra, as suas famílias, empresas e o seu próximo. Esperemos pois que o sol da Primavera nos aqueça a alma, nos dê mais ânimo e forças para continuar a enfrentar as dificuldades que ainda vamos ter que suportar até ao Verão, altura em que, esperamos, as coisas melhorem um pouco mais na nossa região com a vinda do turismo que significa trabalho e receitas que ajudem à reanimação da economia, que o Algarve tanto necessita.

Por outro lado com a chegada da Primavera, a estação que simboliza a renovação da natureza e da vida, esperemos que alguma coisa de bom ou de mau aconteça na vida deste país, que acorde este envelhecido e pobre povo e nos restitua valores morais e éticos que nos dêem forças para lutar contra a apagada e vil tristeza em que temos vivido, na ilusão de que somos um povo livre e de que temos liberdade.

Para quem já é velho, ou prematuramente envelhecido e com poucos recursos, por mais pobreza ou calamidades que lhes chegue, pouco lhes afectará a existência até ao fim dos seus dias, isto porque os velhos são capazes de suportar mais pobreza e maiores sacrifícios com coragem espartana e muita dignidade. Mas o mesmo já não se poderá dizer do resto dos portugueses na casa dos quarenta, para não falar de uma geração que é jovem até aos trinta e tal, que não estão preparados psicológica e moralmente para suportar uma eventual restrição de bens de consumo, "direitos" e "liberdades" que o desastre de uma economia na banca rota, ou à beira dessa realidade, pode impor.

Esperemos pois, com o aparecimento do Sol no Algarve todos os dias, que quando nasce deve ser para todos, e tudo deve iluminar, para que se afastem as sombras que escondem a realidade e nos

permitam ver o presente que temos tal como é, para podermos idealizar, planejar, moldar e ajudar a construir o futuro da sociedade que quer para si, para os seus filhos e para os seus netos.

Para terminar este editorial de Março de 2010 com algum optimismo como habitualmente espero e desejo que o mês de Março traga aos portugueses alguma clarificação no que respeita à verdade ou à mentira sobre a personalidade e o carácter dos políticos que nos governam, dos magistrados que detêm o poder judicial, dos gestores públicos, dos banqueiros que detêm o poder económico, dos directores de jornais e jornalistas independentes que têm o dever de informar com rigor e isenção, de modo a que tenhamos alguma coisa de concreto e palpável em que possamos acreditar. E por fim acrescento mais um desejo optimista para o mês de Março, gostaria que Sua Excelência o Senhor Presidente da República, quando aparecesse em público ou na televisão, tivesse um semblante menos carregado, menos triste, menos pesaroso, porque a tristeza que se vê no rosto do Sr Presidente e o desalento que se nota nas suas palavras, mesmo quando são para incentivar e animar os portugueses, denotam que a República está muito, muito doente, e que o Presidente não tem poderes para a regenerar e curar. Sei que este desejo é bastante mais difícil de realizar mas mesmo assim continuo a ser optimista. Quem sabe? Se lá na privacidade do seu gabinete o Sr Presidente, que certamente não vai recandidatar-se de novo a Presidente desta República, não terá já esboçado um sorriso aquando da candidatura do Poeta Alegre, pelos jogos florais e alegria que poderia trazer à centenária Sr.^a República. Presumo e imagino que o Sr Presidente terá, também na intimidade do seu gabinete esboçado um sorriso mais tranquilo a propósito da candidatura à presidência do Dr. Fernando Nobre, porque assim talvez a velha e doente Sr.^a República tenha melhores cuidados paliativos e sobreviva por mais alguns anos. Só uma pequena nota a propósito do Sr. Dr. F Nobre, que parece ser uma pessoa idealista e nobre, é também muito crédula, porque disse na RTP no programa "O português mais ilustre" que Aristides S. Mendes "até tinha queimado as mobílias de sua casa para resistir ao frio", você acredita?

O Editor



Editorial

Começamos o nosso editorial de Abril com um "Viva o Sol da Primavera" que promete melhorar as coisas no país, e em especial cá por baixo no Algarve, porque isso vai trazer de volta não só as andorinhas mas também o turismo que tanta falta nos faz para gerar trabalho e ganharmos assim o pão nosso de cada dia que, cada vez mais, vai ficando mais escasso e o pouco pão que ainda sobra do dia anterior vai ficando mais duro.

Com o Sol da Primavera o pessoal já começa a sair de casa ao fim de semana para ir até à beira mar banhar-se de sol e começar a cuidar do corpo para o Verão que se avizinha. Esperamos por isso que os lisboetas assim como aqui os nossos vizinhos da Andaluzia, se metam nos seus carros e atravessem a ponte para virem até ao Algarve dar-nos trabalho que é, para quem precisa de trabalhar, o que nós mais desejamos. Apesar da crise que vai por essa Europa fora esperamos que os nossos amigos ingleses, os que ainda podem fazer férias, continuem a dar-nos preferência e venham para a nossa região para desfrutarem do que o Algarve ainda pode oferecer em razoável quantidade e qualidade; o sol, bonitas praias, mar azul, e uma excelente gastronomia.

Em relação ao sol esperamos que o S. Pedro nos ajude dando-nos bom tempo até final do Verão. Agora quanto ao resto teremos que ser nós, quem vive e trabalha no Algarve, a providenciar para que não surjam mais dificuldades que prejudiquem ainda mais o turismo que é, como toda a gente sabe, a mais importante fonte de receita da região e garante a manutenção de muitos milhares de postos de trabalho que são os únicos meios de subsistência da maioria da população na região. No Algarve tudo gira e funciona em torno da indústria do turismo, por isso é preciso não esquecer que sem turistas, não há trabalho que chegue para todos. Assim, caro leitor, quer você trabalhe no sector do turismo quer noutras actividades é bom que dê atenção ao que se passa à sua volta e ajude a preservar esta indústria e melhorar os desempenhos e a oferta turística da região. Quando pedimos isto é porque estamos certos que os nossos leitores, algarvios ou não, simples cidadãos comuns, podem fazer muito mais pelo turismo do Algarve no seu dia a dia, do que a RTA, as autarquias ou o Estado. E para ajudar a melhorar a oferta turística regional só é preciso que cada um de nós na nossa área de actividade procuremos cumprir integralmente as nossas obrigações e deveres profissionais, tanto com a entidades que nos pagam como com o público, utentes ou clientes que servimos. Se fizermos isso já estamos a colaborar para que todos aqueles que visitam o Algarve levem uma boa impressão da terra e da nossa gente.

Para terminar faço votos para que aquele velho ditado, "Abril Águas Mil" não aconteça este mês porque desde o ano passado Portugal não faz outra coisa senão meter água. Se não chover, e o sol nos der aquele calorzinho que, mais que aquecer os corpos dos algarvios, aquece-lhes a alma e lhes dá ânimo, pode ser que o Algarve se anime com a vinda do turismo nacional e espanhol que está mais perto de nós, e também com os ingleses que continuam a vir em voos regulares como aves de arribação, e isso faça mexer a economia da região, que desde há muitos meses parece ter estagnado. Haja sol e um calorzinho para animar a malta e logo renasce nos algarvios a esperança de que o futuro próximo poderá não ser tão negro, como o pintam.



Editorial

Estamos quase no meio do ano de 2010 e desde o primeiro alerta da crise de 2009 o que é que mudou entretanto na vida dos portugueses? Estamos a produzir mais? Estamos a criar mais riqueza? Estamos a criar mais emprego? Não!

Está o país a endividar-se menos? Está o estado a gastar menos? Estão os portugueses a consumir menos? Estamos a poupar mais? Também não!

Então se não estamos a fazer nada que disto, como é que Portugal vai sair da crise permanente em que vivemos há anos? Por este andar, daqui a pouco estamos como a Grécia, e nem a vinda do Papa a Portugal nos salva do descalabro e da insolvência financeira que ameaça o país. Cada dia que passa se torna mais evidente que caminhamos a passos largos para o precipício, e mesmo assim, os políticos, os deputados e os ministros no parlamento, falam, falam, e riem, discutem, e falam e riem, como se estivessem num stand up comedy para as câmaras, e após o show, vão para as suas casas com o dia ganho, sem cuidar que muita gente do povo humilde que lhes paga o pão, a roupa que vestem, as casas que os abrigam e outras mordomias, amanhã muitos deles podem não ter trabalho nem pão para dar aos filhos. Que dirão os filhos destes deputados e governantes, quando se derem conta dos pais que têm e, tiverem consciência do que eles fizeram deste país.

Estamos em Maio e se para o país as previsões no que diz respeito ao desemprego são as piores, porque já se atingiu os dois dígitos, o que se dirá da nossa região em que a essa percentagem é muito superior? Será que com a época alta do turismo que se aproxima esses números possam baixar significativamente? Nós temos muitas dúvidas e, como nós, muitos outros algarvios empresários de micro, pequenas e médias empresas duvidam que a situação possa melhorar. Os empregos que se perderam no Algarve desde Outubro de 2009, poderão alguns, poucos, serem recuperados com o turismo, mas se alguma coisa não for feita para prevenir o aumento de mais perdas de postos de trabalho no fim do Verão, vamos ter na região um final de ano muito difícil, para não dizer dramático.

Passados estes quatro meses, o balanço da actividade económica no Algarve é catastrófico. Quase todas as empresas, micro, pequenas e médias empresas, sentem os efeitos da recessão que a região vem suportando desde há anos e que se agravou desde Janeiro deste ano. Os empresários que se queixam que não vendem, não fazem negócio, e que já não realizam receitas para fazer face às despesas, dizem que os consumidores já não têm dinheiro para gastar, esquecendo-se que eles próprios são também consumidores e também não têm dinheiro, porque nos últimos anos têm vindo a ser descapitalizados, pela simples razão que os custos de exploração dos seus negócios têm vindo sempre a subir, desde os encargos com os empregados, vencimentos e segurança social, impostos e taxas, equipamentos, combustíveis e energia, e outros custos imponderáveis, sem que a conjuntura económica

melhore e ajude a equilibrar as despesas com as receitas que têm vindo a descer desde há anos. Os empresários queixam-se que as pessoas não têm dinheiro, mas a verdade é que não são só as pessoas que não têm dinheiro. Não têm dinheiro as empresas, as micro, pequenas e médias empresas que são a esmagadora maioria do tecido empresarial do país, e por consequência também não tem o Estado porque é dessas pequenas empresas que lhes vem a receita.

Na nossa região o primeiro trimestre de 2010 tem sido um desastre em termos económicos, e ainda não é um desastre social porque há os subsídios, ajudas das famílias e a solidariedade e apoio de amigos. É evidente que a alta taxa de desemprego que atinge o Algarve, vai agravar ainda mais a situação que se vive na região não só porque as pessoas desempregadas perderam poder de compra, mas também porque as que estão empregadas e têm rendimentos se retraem, e evitam gastar dinheiro, porque receiam o dia de amanhã, e nada lhes garante que mantenham os seus empregos. A quebra do volume de negócios registados na região no primeiro trimestre, que os comerciantes dizem ter sido muito alta, e que não teve melhoria no mês de Abril, resulta exactamente da alta taxa de desemprego que se regista no Algarve, no reflexo que isso tem no consumo, na procura, e claro da falta do turismo que infelizmente continua a ser a única e significativa fonte de receita do Algarve. Vamos rezar para que não entre em erupção outro vulcão na Islandia, na Itália ou em qualquer outro continente que provoque o caos nos transportes aéreos como foi este último incidente que veio demonstrar a fragilidade e dependências da nossa industria.

Claro que, para terminar o nosso editorial com optimismo como habitualmente, lembro aos nossos leitores que apesar de tudo e de todas as dificuldades que possamos ter que passar no Algarve, há uma coisa de que podemos ter a certeza, é que por mais crises que venham, o Algarve e os algarvios hão de sobreviver sempre. Tenhamos nós os carapaus para "alimar", as sardinhas no Verão para assar ou salgar, um bocado de terreno para plantar batatas e tomate, mais um pouco de farinha para fazer pão, e é o bastante para vivermos felizes, tudo o que tivermos a mais já é bónus. Para lhe dar ânimo para enfrentar melhor o dia de amanhã e cada um dos dias seguintes, olhe para o que você tem hoje, e veja o muito que você tem para desfrutar a mais do que os seus pais tiveram, e do que os seus avós jamais sonharam ter, e no entanto eles são, e foram, felizes no bocadinho de paraíso que é o Algarve.



Editorial

Caro leitor chegámos ao meio do ano, certos de que agora é que vão ser elas. Agora é que a maioria dos portugueses percebeu que chegou a hora da verdade, situação previsível, para a qual alguns economistas vinham alertando desde há anos, e que obriga a todos a pagar agora pelas asneiras e burrices dos políticos bem como pelas nossas próprias asneiras enquanto empresários, empregados, funcionários e, em suma, consumidores compulsivos do que podemos e não podemos.

A situação é de facto muito grave, não tanto por Portugal começar a ter mais dificuldade em financiar-se no exterior em condições de juro razoáveis, mas sobretudo porque os credores desconfiam de que Portugal possa pagar as suas dívidas no futuro. Portugal está como estão milhares de famílias portuguesas, sobre-endividadadas, que recorrem às instituições de crédito para pedirem mais créditos para pagar juros de juros. Se os milhões que o país e a banca pedem ao exterior servirem só para amortizar juros da dívida, e a banca continuar a fomentar o crédito ao consumo de bens que na sua grande maioria são importados, não temos como sair deste redemoinho que nos leva para o fundo. Nem o país, nem as famílias vão conseguir sair deste pesadelo. Se os financiamentos que o Governo pede no estrangeiro têm sido para aplicar em obras de que não resultam mais valias para o Estado, não contribuem para fomentar o aumento de exportações e redução do nosso déficit comercial, para que servem esses milhões e os encargos assumidos pelo governo que, no fim de contas, têm que ser pagos pelos impostos dos portugueses?

Se muitos exultaram, há alguns anos, com a queda dos regimes comunistas/socialistas de Leste que cerceava a liberdade e a livre iniciativa do indivíduo em prol do colectivo e das elites dirigentes, não é menos verdade que, o sistema capitalista vigente hoje nos regimes democráticos ocidentais, assentam na capacidade do indivíduo e em especial de grupos organizados que criam oportunidades e as aproveitam para criarem mais riqueza para si próprios e as elites dirigentes ou intelectuais que as servem. Há por isso quem vaticine que o sistema capitalista como o conhecemos também está condenado, e provavelmente o regime democrático em que o ocidente vive, que muitos dizem ser o menos mau dos regimes, também corre o risco de dar lugar a ditaduras. De uma coisa está o cidadão comum certo, é que por mais democracia que lhe impinjam, e lhe acenem com as liberdades, direitos e garantias, será sempre ele o cidadão anónimo a pagar o pato que os eleitos comem, e pagam também os grandes repastos de lagosta e caviar que os capitalista comem diariamente. A continuarem as coisas assim por mais algum tempo pela Europa comunitária, é muito provável que depois das manifestações pacíficas que nada resolvem comecem a aparecer as manifestações violentas, para não falar no possível aparecimento de novos grupos de acção revolucionária à semelhança dos movimentos dos anos sessenta e setenta, como as Brigadas Vermelhas, Bader Mainoff ou FP25, que comecem por conta própria e selectiva a substituírem-se à justiça para moralizar uma sociedade cujos dirigentes políticos e financeiros têm cada vez menos moral e ética nos seus comportamentos. Com a acelerada deterioração da situação económica do país, o aumento do desemprego, e a precária situação de insuficiência de meios de milhares de famílias, muitas das quais da classe média, é previsível que a insegurança aumente e o crime de roubar para comer, comece a ser visto como um meio senão legal, pelo menos será moralmente justificável e por isso desculpável.

De facto quando as empresas legitimamente se organizam para gerarem riqueza e bem estar para os seus trabalhadores, para o

seu país e para os seus accionistas, eram apreciadas pela sua responsabilidade social e contribuía para bem estar e coesão da sociedade. Hoje parece que as grandes empresas nacionais e multinacionais passaram a gerir os seus negócios em função de garantir aos seus accionistas os máximos dividendos, aos seus administradores chorudos prémios, e só depois estão os trabalhadores, os impostos e as contribuições sociais para o país onde estão sediadas. O comportamento actual das grandes empresas, protegidas pela leis produzidas nos parlamentos nacionais pelos seus ex. ou futuros colaboradores, parece ter invertido inexoravelmente os parâmetros morais, a ética e as regras em que assentavam as bases da criação das empresas, e do seu importante contributo para o desenvolvimento das economias dos países e do bem estar das suas populações. A continuarmos assim, cedo o cidadão comum passará a ver os accionistas das grandes empresas como membros de família secretas, e os administradores dessas empresas serão vistos como testas de ferro ou simples "Capos" que estão lá para cumprir as ordens de quem tem o capital. É assim que o cidadão comum e de inteligência média, começa a perceber e a ver a realidade do mundo capitalista em que vivemos e para o qual trabalhamos.

Para terminar o editorial deste mês que, como tem acontecido nos últimos meses, não sei se será o último editorial porque nunca sabemos se vamos ter publicidade no mês seguinte para custear a edição e distribuir gratuitamente a nossa revista, dada a falta de dinheiro das micro, pequenas e médias empresas para investirem na promoção e publicidade dos produtos que comercializam ou nos serviços que prestam. O nosso drama é o mesmo de qualquer estabelecimento de comércio, de restauração ou serviços que abre a porta em cada dia sabendo que as despesas são certas, com as rendas, os empregados, a energia, os equipamentos, as viaturas, os impostos, a segurança social e mais as despesas imprevistas, e sabe que as receitas são cada vez menos porque há menos procura, menos gente a trabalhar, e menos posses porque a classe média está a desaparecer.

Como trabalho em publicidade, e cada vez há menos trabalho, não porque me falem as ideias, mas porque as empresas em tempos de crise cortam sempre na publicidade, e já é assim desde 2007, um dia destes dei comigo a pensar porque razão a DECO, a ASAE, ou um dos eleitores que votaram neste governo ainda não processou o PS ou o Eng.º Sócrates por publicidade enganosa? Então se votaram no PS e elegeram de novo o Eng.º que prometeu, entre muitas outras coisas que não cumpriu, que não aumentava os impostos! Porque carga de água não processam a agência que vendeu estes personagens, ou não processam os próprios que se apresentaram a eleições com propaganda enganosa?

Por fim caro leitor, e em jeito de despedida por agora que ainda mexo, quero desejar-lhe um bom mês de Junho, com trabalho quanto baste e você mereça. Aproveite bem os dez dias de férias do mês de Junho desfrutando do que ainda há, e pode desfrutar, neste jardim á beira mar plantado que é Portugal.



O Editor

E d i t o r i a l

46º mês de edição é motivo para estarmos no mínimo contentes por ainda existirmos. Começamos em Outubro de 2006 esta aventura de editar, e imprimir no Algarve, uma revista comercial de divulgação publicitária e distribuição gratuita que, sabíamos à partida, iria ter muitas dificuldades em chegar a bom porto. Logo no início de 2007 se começou a vislumbrar no horizonte do futuro, nuvens muito cinzentas pressagiando maus ventos e tempestades. A nossa capa de Janeiro de 2007 dizia exactamente "...trabalhe mais para termos melhor futuro!". Passados mais de três anos desde então, eis que chegámos até aqui, embora à custa de muitos trabalhos, alguns percalços, outros tantos sacrifícios que quase nos fizeram pôr solas de molho para continuar a alimentar esta viagem até hoje. O número 45 da nossa revista é sinal de que ainda não desistimos e, se pudermos contar consigo como leitor ou patrocinador, certamente não desistiremos tão cedo e poderemos resistir por outros tantos anos.

De facto ao longo deste curto espaço de tempo de três anos, temos vindo a assistir à degradação, falência e desaparecimento de inúmeras micro, pequenas e médias empresas, um pouco por todo o Algarve, com as consequências que são conhecidas, aumento do desemprego e da pobreza que ameaça tornar-se em miséria. Claro que este empobrecimento da região não começou agora, e as suas causas também não podem ser atribuídas só à crise económica global que para uns é apenas virtual e para outros é de facto muito real. Para nós a crise na região começou nos anos noventa com o aparecimento dos hipermercados e as grandes superfícies comerciais, que se instalaram e foram proliferando com o objectivo de atrair o dinheiro dos algarvios e sugá-los o mais possível. Os hipermercados e as grandes superfícies ao instalarem-se na região, fazendo uso das modernas técnicas de marketing, todas aquelas luzes coloridas e cintilantes, aqueles amplos espaços e grande diversidade de produtos e com alguns preços mais baixos, atraíram e modificaram os hábitos de consumo dos indígenas da região, ao ponto de os tornar viciados e dependentes desses espaços como consumidores, muitos deles tornando-se consumidores compulsivos de toda a espécie de produtos, bens e serviços. Como vivemos num mundo de economia livre nada há a censurar ao aparecimento dessas grandes superfícies, excepto o excesso de autorizações que foram dadas pelo governo para abertura de novas unidades desse tipo, que faz hoje do Algarve a região da Europa com mais hipermercados m2 e por habitante. Claro que num país de livre economia todos têm direito a investir o seu dinheiro, e o objectivo é rentabilizá-lo o mais possível enquanto podem e as leis o permitem. As grandes superfícies não vieram investir no Algarve para produzir alguma coisa, acrescentar mais valias, criar riqueza e desenvolvimento, vieram sim para fomentar consumo, atrair consumidores e multiplicar lucros e levar o dinheiro da região. Até há bem pouco tempo vinham conseguindo atingir esses objectivos, mas como a crise económica também se faz sentir no Algarve, poderá até acontecer que alguns desses hipermercados deixem de ser rentáveis porque cada vez mais os algarvios têm menos dinheiro, menos poder de compra e começam a ser mais cuidadosos nos seus gastos.

Antes da proliferação dos hipermercados, a economia da região assentava muito no turismo que estava em crescimento, na agricultura e pescas local, no comércio tradicional e serviços. Os mini e supermercados, as lojas de comércio pronto a vestir, sapatarias e outros eram negócios rentáveis e geravam dinheiro que alimentava muitos outros negócios, como a pequena indústria metalo-mecânica, alumínio, oficinas e muitas outras actividades. O dinheiro que entrava na região por via do turismo circulava entre estes negócios e gerava mais riqueza, mais emprego e mais desenvolvimento.

Quando os algarvios começaram a trocar o mini mercado ao pé da porta, ou as lojas onde habitualmente faziam compras, por hipermercados e centros comerciais onde passaram a deixar o seu dinheiro, quebraram um circuito comercial que lhes permitia reaver o dinheiro que gastavam no comércio local. Este equilíbrio de reciprocidade entre agentes económicos gerava riqueza local e regional de uma forma simples. Dou-lhe como exemplo, quando um profissional de caixilharia de alumínio fazia compras num mini mercado, era natural que esse comerciante, quando precisasse de fazer uma divisória na loja ou marquise em casa se lembrasse de encomendar o trabalho a esse profissional que também era seu cliente, e esta reciprocidade repetia-se em muitas outras áreas de actividade. Quando os algarvios, profissionais de todos os ramos e pessoas comuns começaram a trocar o comércio tradicional pelos hipermercados, e grandes superfícies, para deixar lá o seu dinheiro, sem se aperceberem quebraram um circuito que também lhes dava a ganhar de múltiplas maneiras e era solidário. Com a troca tenho dúvidas que algum algarvio, e se houver serão muito poucos, tenha ganho algum dinheiro daquele que já gastou em hipermercados e centros comerciais, fazendo para essas entidades, trabalhos, obras, serviços ou vendendo alguma coisa. Agora que o que resta do comércio tradicional já é muito pouco e continua em vias de extinção, não vale a pena chorar pelo que se perdeu, vale sim a pena pensar e agir, para que não se perca o que ainda nos resta e podemos preservar. Faça como eu que tento, o mais possível, deixar o meu dinheiro onde o ganho. Há sítios onde eu não vou deixar um cêntimo, não só porque tenho poucos cêntimos mas sobretudo porque aí nunca me deram nenhum a ganhar: são os restaurantes chineses. Só lá vou porque não me fica bem recusar o convite do meu amigo Yoo Foo quando faz anos. Assim como estes há muitos outros estabelecimentos onde eu não vou gastar o meu dinheiro, e se me virem alguma vez num hipermercado que não esteja sediado na região, é porque procuro alguma coisa que não encontrei noutro sítio.

Por regra termino este editorial com a dose habitual de optimismo que nos anime a todos e nos dê forças para vencer as dificuldades que já temos mais as que inevitavelmente vão aparecer. Pense, e faça alguma coisa por isso, para que Julho seja um grande mês para o Algarve, sabendo que para além das festas e festivais organizados, promovidas e pagos pelas Câmaras ricas da região, o Algarve vai ter mais gente em Julho, não só mais portugueses mas também, muitos milhares de Motards que vêm á grande e mítica concentração organizada pelo Moto Club de Faro, e virão animar não só a cidade de Faro com o seu exotismo, alegria e sobretudo, com muita vontade de desfrutar tanto do convívio de amigos, como do sol e da gastronomia do Algarve. Aproveite bem o mês de Julho. Nós desejamo-lhe que tenha muito trabalho, saúde, sorte e êxito.

O Editor



Editorial

Agora que já passou, e começa a cair no esquecimento mais um campeonato mundial de futebol, podemos dar a nossa opinião sobre esse extraordinário evento desportivo que durante semanas prendeu a atenção de quase toda a gente em Portugal, desde os doutores aos analfabetos, desde os muito ricos aos muito pobres, desde os que ainda têm trabalho aos que estão desempregados, quase todos se alhearam ou esqueceram dos seus próprio problemas e das dificuldades que o país vem atravessando desde há muito tempo. O mundial de futebol serviu de panaceia para nos esquecermos dos males que nos afligem e, durante um mês, serviu para os meios de comunicação falada e escrita alimentarem nos três canais horas e horas de emissão, com debates, reportagens e entrevistas sobre as táticas, os jogos, os jogadores, os seleccionadores e os árbitros, que também encheram páginas e páginas de jornais que se fartaram de vender e até “cromes” se venderam aos milhares a adultos e também às criancinhas.

Olhando para a selecção de Portugal, e o seu desempenho, é caso para dizermos que a selecção está como o país só jogam para empatar. Jogam para empatar e passar o tempo sem perder, como se ao empatarem ganhassem alguma coisa? Triste realidade a da nossa selecção que, tendo o melhor jogador do mundo e mais uma série de “craques” que jogam em importantes clubes da Europa, e três brasileiros naturalizados, não conseguiram mais que uma vitória sobre a Coreia do Norte que desde 1966 não evoluiu nada. E ainda por cima, o seleccionador de Portugal, para justificar o fraco desempenho da selecção e a eliminação do mundial disse; “só perdemos por 1 a 0 com a Espanha que é o campeã da Europa.”

Felizmente a Espanha sagrou-se campeã mundial, para que o professor seleccionador possa dizer que Portugal teve um excelente desempenho porque a sua selecção só perdeu por 1 a 0 com a selecção campeã do mundo. Esquece-se o prof. que os portugueses viram o jogo que Portugal podia ter ganho à Espanha, e que só não perdeu por quatro ou cinco golos porque o nosso guarda redes fez o seu trabalho com competência. Eu sou daqueles que já teve admiração e simpatia pelo prof. “por ter nascido em Moçambique” por ter ensaiado os miúdos que foram campeões do mundo, por ter sido treinador do Sporting, e enquanto foi adjunto de SIR Alex Ferguson. Depois como seleccionador de Portugal após aquela derrota com a Dinamarca por 2-3, percebi que, afinal, o prof. não está preparado para liderar e levar à vitória os seniores de Portugal, quando muito estará habilitado e já obteve resultados como ensaiador de miúdos e juniores.

Findo o mundial e em jeito de desabafo posso dizer que este mundial, serviu para mostrar uma vulgaríssima selecção, que embora composta por alguns bons jogadores lembra aquela parte do soneto

de Camões, “fracos Reis que fazem fraca a forte gente”. Só falta acrescentar que neste país continua a premiar-se a mediocridade e a incompetência, pois não é que em vez de se demitir, ou ser demitido, o seleccionador nacional ainda teve ou vai ter um prémio, de algumas centenas de milhares de euros, pela eliminação da selecção logo após a fase de qualificação, e assim fazer cair Portugal de 3º para o 8º lugar no ranking do futebol Mundial.

Este mundial já foi, e como todos os outros com excepção de 66 é para esquecer. Agora há que dar vivas à nossa vizinha Espanha que, sem os melhores jogadores do mundo mas com o melhor colectivo se sagrou campeã do mundo. Deste sucesso de Espanha se pode tirar uma lição, é que; “com os santos da casa” jogadores espanhóis que jogam em Espanha, Del Bosque soube fazer uma excelente equipa. Hay que dar vivas a España e esperar que o sucesso desportivo da Espanha se reflecta em ganhos económicos e isso também nos traga alguns benefícios.

Para terminar este apontamento sobre o mundial de 2010, uma nota sobre a vergonhosa participação da França. Deus “que também deve gostar de futebol” escreve direito pelas linhas tortas que J Blater e a FIFA escrevem nos regulamentos, e depois da classificação da França conseguida frente à Irlanda com a mão batoteira de um T Henry, bem que serviu para mostrar a falta de honestidade e de carácter dos jogadores e dirigentes do futebol. A França para ter lá ido fazer a vergonha que fez, melhor seria ter ficado em casa.

Esquecendo o futebol que entorpece a inteligência e causa razoável sofrimento a grande parte dos portugueses que, infelizmente, sofrem de clubite crónica, voltamos às realidades do nosso dia a dia, para fazer um pequeno comentário sobre o debate do estado da nação na assembleia da república. Se não andássemos todos nós tão apreensivos e preocupados com as nossas “insignificantes” existências, até poderíamos ter adorado as performances oratórias, humorísticas e sarcásticas dos nossos deputados, ministros e secretários de estado durante o debate do estado da nação em Julho. Estes debates são extraordinários espectáculos de exuberância oratória e declamação teatral que a meu ver poderia ser aproveitado como “study cases” para o ensino da arte da “stand up comedy” ou da representação. É que eles, os eleitos, os deputados e os outros que discursam na assembleia, o fazem com tal paixão e “aparente” convicção que somos levados a acreditar que estão a dizer a verdade, e só a verdade, que liberta e enobrece o ser humano. Que magnificas interpretações, de amor à republica e à causa pública, de amor ao povo, de amor ao país. Que extraordinárias representações do que é a humildade, a honestidade, a coragem, o espírito de luta e de solidariedade dos actores convidados e os residentes, que se apresentam e performam as suas artes no hemiciclo. Este cenário de circo romano, que até tem guardas, fica completo com a assistência do público nas galerias, que fazem o papel de figurantes mudos, que só contam no número mas não no género ou no génio. Eu até acho

que os espectadores das sessões do hemiciclo deviam pagar bilhete para assistir aos debates. É que os actores são de facto dignos de serem vistos e apreciados, porque com eles se aprende a arte de representar e ganhar a vida a falar, a cantar de galo, ou a estar no poleiro, para não falar daqueles que nem precisam de actuar para ganharem bem a vida nesta companhia. Do estado da nação os políticos, os não políticos, os jornalistas, os comentadores e as forças vivas, (os intelectuais) já disseram tudo mas não resolveram nada e como já começaram as férias de Verão para o parlamento e outros órgãos de soberania, tudo ficará como dantes no quartel de Abrantes.

Como sempre, e enquanto as forças não nos faltarem, vamos terminar o editorial do mês de Agosto de 2010 com a habitual dose de optimismo para dar ânimo ao povo do Algarve. Este mês de Agosto promete ser um bom período para ajudar a recuperar a economia da região. Estamos em crer que os nossos compatriotas virão em massa fazer uns dias de férias no Algarve, não só porque temos aqui mais calor, mas também porque a água das nossas belas praias é menos fria. Outras boas razões para os turistas nacionais e estrangeiros virem para o Algarve, é que no mês de Agosto em quase todos os municípios da região há importantes festas e festivais que enchem de animação as noites algarvias, com especial destaque para o XXV Festival do Marisco em Olhão de 10 a 15 de Agosto que é a festa da gastronomia do mar, e a XXXI Fatacil em Lagoa de 20 a 29 que é uma importante amostra do que se faz no Algarve nas vertentes do artesanato, turismo, agricultura, comércio e indústria. Como sempre, no mês de Agosto, o Algarve vai ter muito calor e muito turismo para receber bem, e acarinhar, porque são esses turistas que queremos que voltem sempre e com eles tragam mais turistas.

O Editor



Em Setembro o Verão despede-se oficialmente do Algarve e abre a porta ao Outono. É assim no calendário mas também mudam a hora e os dias começam a ficar mais curtos. É claro que o amigo que temos lá em cima, o São Pedro, continuará certamente a dar-nos bom tempo prolongando o Verão, quiçá até Outubro, para o Algarve ir facturando mais alguma coisinha com o turismo, que bem precisamos.

Neste editorial já não vou escrever sobre os patrões, os empregados ou desempregados da política por esse país fora, que esses estão sempre sob a divina protecção do Estado. Também já nem vale a pena escrever sobre os desempregados da nossa região que, conforme as estatísticas dizem são cada vez mais, embora não pareça, e sempre vão sobrevivendo com mais ou menos subsídio de desemprego. Por este ser um mal crónico na região já nem merece muitos comentários, porque como o povo diz; trabalho há! Não há é muita gente que queira trabalhar! O que não deve ser de todo verdade porque há outra parte do povo que diz precisamente o contrário; que há muita gente à procura de emprego e que não encontra o emprego que procura. É caso para perguntar que emprego procurarão eles?

Neste editorial vamos falar sobre as coisas boas do Algarve. Começamos exactamente pelo facto de que este ano vieram mais turistas nacionais passar férias no Algarve. Até o 1º e os outros ministros vieram passar uns dias ao Algarve. Os políticos da situação e da oposição também vieram a banhos para o Algarve. Entre muitas outras celebridades até o filho surpresa do CR7 com poucas semanas de vida cá esteve. Entre as muitas conjecturas sobre as causas que trouxeram tanta gente ao Algarve, podemos especular que terá sido pelo Sr Presidente apelar aos portugueses que fizessem férias em Portugal, ou então porque as praias da região são lindas, o sol mais luminoso e a água do mar ser mais quente, ou então terá sido porque os portugueses não tiveram dinheiro este Verão para ir para mais longe. Quaisquer que tivessem sido as razões que os motivaram a vir, devemos estar muito gratos aos turistas nacionais e estrangeiros que preferiram fazer férias no Algarve.

Entre muitas coisas boas que aconteceram no nosso Algarve em Agosto, destacamos o programa da RTP1 para eleger as 7 Maravilhas de Portugal, feito no dia 11, em directo em Olhão, no Jardim Pescador Olhanense, e transmitido para o país e também para todo o mundo pela RTP1. Cerca de 6 horas de transmissão em directo mostraram imagens da vida na Ria Formosa nos seus múltiplos aspectos. Mostraram a ria como meio de subsistência humana desde há séculos, e como ainda hoje continua a ser fonte de rendimentos para as populações ribeirinhas que da ria tiram os seus ganhos com a exploração de viveiros, a pesca artesanal e salinas. Vimos a ria na sua vertente lúdica que oferece óptimas condições para a prática de desportos náuticos amigos do ambiente como, vela, windsurf e canoagem. Este programa feito em directo, tendo a Ria Formosa por cenário de fundo mostrou a extraordinária beleza desta ria, mas mostrou

também o seu potencial económico para uma exploração turística que pode transformar o concelho de Olhão num dos mais importantes pólos turísticos do Algarve. Olhão e a Ria Formosa vista através da grande janela aberta ao mundo, que é a televisão, apareceu-nos no pequeno écran como um álbum de fotografias da família e da nossa terra que temos orgulho em exhibir. Este programa da RTP teve a virtude de mostrar e dar a conhecer ao vivo ao mundo, aos portugueses, aos algarvios e em particular aos olhanenses, a beleza natural desta Ria e das ilhas, que temos o privilégio de desfrutar e usufruir no nosso tempo, e que todos temos a obrigação de ajudar a preservar esta dádiva da natureza para a transmitir intacta aos nossos filhos e netos, dando graças a Deus por termos o privilégio de vivermos no Algarve, e em especial aqui em Olhão, na terra que abraça o mar. Por fim uma última nota para agradecer à RTP por ter realizado em Olhão este programa, apresentado pela simpática Sónia Araújo, e Júlio Isidro, esse senhor que, hoje, ainda trabalha com a mesma vivacidade e alegria dos seus primeiros tempos na RTP, por terem conduzido o programa com muito profissionalismo e sobretudo demonstrando muito carinho por esta terra, e pela gente boa do Algarve e de Olhão que entrevistaram.

Fez muito mais a RTP pelo promoção do nosso Algarve com este programa realizado em Olhão, que o Turismo de Portugal e a RTA já fizeram com todos os programas all_arve 10 que têm feito para promover a região. Contamos pois que esta promoção da região na RTP comece a trazer-nos mais valias já no mês de Setembro, motivando mais pessoas a virem passar mais uns dias ao Algarve ou até para virem apenas nos fins de semana porque vale a pena, por todas as razões que a RTP mostrou mais as razões que cada visitante descobre por si em cada visita que faz ao Algarve.

Bem! Só nos falta a tal nota optimista, para terminar o editorial, como é habitual. Pois bem, que se animem os empresário do comércio e a restauração porque Setembro pode ser também um óptimo mês para fazer negócio e amealhar mais alguma coisa para aguentarmos até Dezembro, altura em que o Algarve tradicionalmente volta a trabalhar razoavelmente bem.

O Editor



No mês em que a senhora República faz cem anos não podia deixar de assinalar a data, para, de alguma forma, obrigar os “meus” leitores a pensar nos acontecimentos que precederam o nascimento desta senhora que muitos têm amado, outros nem por isso, muitos outros têm chulado, e outros ainda, ultimamente têm-na chupado até ao tutano.

A República, provavelmente foi sonhada por gente decente e “patriota” que via na Monarquia um regime velho e anquilosado por centenas de anos de governação que, por não se renovar e modernizar, a seu ver, precisava de ser substituído por gente do povo. Entre os que queriam ver nascer a menina republica, e muitos queriam ser o pai, sempre houve homens possessivos, violentos e irracionais, que os poetas, filósofos e intelectuais do seu tempo não souberam amansar. Daí que nos cafés, nas tertúlias e nas tabernas, em casas de onde se juntavam boçais e intelectuais, burgueses, operários e outros que tais para falar de revolução, porque na altura não havia televisão, foram congeminando a maneira de fazer nascer em Portugal uma República como a francesa que um século antes tinha nascido após a tomada da Bastilha a 14 de Julho de 1789. Para gerar alguma coisa é sempre preciso haver género ou uma família, e para isso até já havia uma família consubstanciada no PRP Partido Republicano Português fundado em 1876. O partido republicano que poucos levavam a sério na época, e até alguns monárquicos pareciam apoiar por julgar possível uma monarquia com um regime de governo republicano, lá ia ganhando uns apoiantes aqui e ali e começaram de facto a ter algum peso e receptividade junto do povo quando o seu discurso político muda do republicanismo para o patriotismo e a necessidade de salvar a honra do país, posta em causa pelo ultimato britânico que obrigava, a monarquia portuguesa, a aceitar o mapa cor de rosa e ceder aos britânicos os territórios em África que reclamaram. Os republicanos ganharam para a sua causa apoiantes de todos os quadrantes políticos que criticavam o Rei pela desonra dessa cedência à Inglaterra. Foi com os discursos em defesa da pátria que os republicanos ganharam apoio popular em Lisboa e no Porto. E como reza a História de Portugal e dos 100 anos da republica que este mês os republicanos comemoram, a monarquia acabou com o assassinato do Rei e do Príncipe herdeiro às mãos de “heróicos cidadãos republicanos” que outros republicanos se apressaram a aproveitar para fazer nascer a República, ainda que esta tivesse que nascer a ferros e muito sangue derramado. Os republicanos podem comemorar os 100 da implantação da República, mas nunca poderão esquecer que o assassinato do Rei e do filho, o regicídio, à luz do direito contemporâneo, foi um acto terrorista. Para um país que se orgulhava de ser pioneiro na abolição da pena de morte (para qualquer crime), 1867. Foram os republicanos que sem julgamento condenaram à morte o Rei, e executaram a sentença executando também o filho por ter nascido Príncipe de Portugal. Há até quem diga que com a República nascida com a morte da monarquia, também nasceu no mesmo parto ou logo após uma irmã chamada Justiça Republicana que, por sinal, está hoje também bastante velha, corrompida e gasta, em quem nem já os republicanos

acreditam não respeitam nem dão um cêntimo furado por ela.

Passados todos estes anos e olhando para os 100 de vida da República que mais se poderia esperar desta senhora, tendo em conta o seu nascimento e origem, os genes dos seus progenitores, os seus educadores, e até os que a quiseram servir presidindo os seus destinos e, apesar da abolição da pena de morte em Portugal em 1867, também um republicano o presidente rei, Sidónio Pais, foi assassinado em Dezembro 1918.

A história da República e dos republicanos, apesar de feita e escrita pelos que venceram e ganharam o poder, não abona nada em favor quer da senhora República quer dos políticos republicanos. Senão vejamos acabaram com a monarquia, usurparam o poder, assenhoraram-se das tenças e das fazendas do reino, e dos Algarves de aquém e além mar. Apropriaram-se de um reino construído pela monarquia em oito séculos, um império português, com fazendas por todo o mundo onde se dizia que o Sol nunca se punha. Passados 100 anos de República, o balanço que os portugueses e a história podem fazer, é que os políticos republicanos, os seus filhos e afilhados, perderam as fazendas em África, na Índia, Timor, na China. Se no Atlântico não se perdeu a Madeira é porque lá governa um Vice Rei, e também não se perdeu os Açores porque os açorianos emigrados na América ainda não forçaram um referendo nas ilhas para exigir a independência e tornar os Açores o 51º estado da União. Comemoram-se 100 de vida da senhora República mas que razões tem esta senhora, ou os republicanos, para festejar a sua longevidade? Os seus filhos mais ilustres, os seus descendentes e afilhados, esbanjaram as riquezas e perderam as fazendas usurpadas à monarquia, apesar do esforço e da luta a que se sujeitaram os milhões de enteados desta República, genuínos patriotas que sempre souberam responder ao apelo, não da República, mas da Pátria que nunca deixaram de amar. Infelizes portugueses que deixaram de ser monárquicos à força, para passarem a ser republicanos forçados a trabalhar para outros senhores republicanos barões e os seu herdeiros, e são hoje mais plebeus e pobres porque da monarquia nada lhes restou senão os castelos, os monumentos, a história e a língua portuguesa que é hoje falada por 250.000.000 de almas em todo o mundo, dos 100 anos da República pouco lhes resta, senão esta apagada e vil tristeza, de deixarem aos seus filhos um país confinado a este exíguo espaço num cantinho da Europa, sem fazendas, empobrecido e velho com gente mais corrupta, quicá mais ignorante, preguiçosa e amorfa, que está cada vez mais endividado e hipotecado ao estrangeiro, e é incapaz de produzir para se auto sustentar.

Como este editorial tão crítico, a propósito dos 100 anos da Senhora República, que o Estado Republicano e os políticos republicanos de todos os partidos, os filhos e afilhados, comemoram este mês, pode induzir os leitores a pensar que o editor é monárquico ou anti-republicano, apresso-me a esclarecer que não sou monárquico porque, embora tenha vindo ao mundo no dia 1 de Dezembro de 1947, em plena republica e tendo sido baptizado na Santa Igreja Católica Apostólica Romana, tornaram-me logo após

ter nascido num republicano, e católico. Passados todos estes anos serei hoje, porventura, um mau republicano porque não festejo o regime republicano em que vivo, e sou certamente um mau católico



porque raramente vou à Igreja. De uma coisa estou certo, tive a felicidade de ter nascido no Algarve e sinto orgulho dos oitocentos anos de história que me foram legados por este pequeno e extraordinário povo do Reino de Portugal que foi capaz de dar novos mundos ao mundo, e apesar da sua pequenez territorial foi capaz de criar países muitas vezes maiores que a sua própria dimensão como Angola e Moçambique, e até criou um extraordinário país que é cerca de duas vezes maior que a Europa, e é hoje a 8ª economia do mundo. Eu não me sinto um republicano porque não me revejo na República, nem sou um monárquico porque não posso optar pelo que não conheço. Sinto sim, a nostalgia deste povo que uma revolução tornou republicano, mas que continua a viver maioritariamente à beira mar e a sonhar com o regresso de El Rei D. Sebastião. É por tudo isto, e porque eu não tenho dinheiro para festejos de circunstância, que não me associo às comemorações da centenária senhora República, que depois de ter distribuído pelos seus ilustres filhos republicanos, desde 1910, bem remunerados cargos políticos, muitas comendas, múltiplas e chorudas pensões vitalícias, e ao povo ter dado papas e bolos, está hoje como todos sabem, não de tanga porque seria ridículo imaginar a velha senhora assim, mas está falida e sem dinheiro seu para pagar a festa do seu 100º aniversário, que os políticos republicanos vão fazer por todo o país com dinheiro pedido emprestado aos estrangeiros, que o povo terá que pagar num futuro próximo.

Para terminar com a habitual dose de vitaminas de ânimo e esperança, de que as coisas vão melhorar, lembre-se do velho ditado "não há felicidade que sempre dure! E mal que não acabe!" Acredite que as coisas vão mudar para melhor no país, e em particular no Algarve, porque depois dos festejos do centenário da velha República, e de passar a azia que os excessos de consumo sempre provocam, vamos todos e o país "cair na real" e aceitar o diagnóstico que o Estado, desta Republica, tem mesmo que se tratar. Tem que emagrecer, tem que consumir menos e trabalhar mais se quiser recuperar a saúde económica, para que os filhos dos adolescentes de hoje, não tenham que pagar com elevados juros o resgate da independência de Portugal.

O Editor

Editorial

Novembro de 2010. Daqui a pouco está passado o primeiro ano de uma década que na edição de Janeiro dizíamos ser crucial para o Algarve, para Portugal, para a Europa e o Mundo. Não somos bruxos nem adivinhos, também não somos doutores advogados ou economistas, nem tão pouco somos políticos ou militantes do partido do governo ou da oposição, mas de uma coisa estávamos certos e escrevemos isso em vários editoriais desde 2007, é que os portugueses tinham que mudar de vida porque a organização social, económica e política em que vivíamos não podia subsistir por muito mais tempo. O OGE para 2011 veio obrigar os portugueses a perceberem finalmente que não vivemos num país cor de rosa nem num jardim à beira mar plantado. Depois de 36 anos de democracia e de liberdade percebemos agora que, afinal, nunca tivemos democracia nem liberdade plena porque tudo tem sido gizado, decidido e imposto por elites sociais, políticas e económicas, que governam o país há décadas usando e manipulando as leis que os legitimam no poder. Se o indivíduo comum pensa que o povo é quem mais ordena, já percebeu que ele, o indivíduo, não ordena nada, e o povo, essa massa abstracta que pensa que ordena alguma coisa quando vota, também já deve ter percebido que afinal não é a maioria que decide e governa mas sim a elite minoritária que dirige os partidos que governam. Nem os deputados eleitos para o parlamento estão lá para representar os seus eleitores ou as suas regiões mas tão somente para obedecer às directrizes dos seus partidos e assim garantirem a continuidade dos seus lugares, status e benefícios.

Os sacrifícios exigidos aos contribuintes portugueses para 2011, devem obrigar-nos a todos nós a pensar e reflectir sobre deveres, direitos e garantias que a constituição portuguesa "garante" aos seus cidadãos. E não é preciso ser muito inteligente para perceber que a constituição vanguardista que temos, de tanto ser avanguard, já deu uma volta de 360° que nos trouxe até à insustentável situação financeira em que o país se encontra, ao ponto dos mercados financeiros ameaçarem cortar o crédito que permite ao país pagar a comida que o povo come. A aprovação do OGE para 2011 mais não faz do que dar alguma credibilidade ao plano de saneamento das finanças do Estado para o próximo ano e assim dar tranquilidade aos credores da dívida portuguesa de que o país paga ao estrangeiro o que deve, mais os juros, porque o povo português é sereno, cumpridor e submisso. Por isso não se admire se, para além das medidas draconianas deste orçamento para 2011 com violentos aumentos de impostos, ainda lhe pedirem mais sacrifícios nas subidas de preços que, invariavelmente, o aumento de impostos sempre acarreta e, por sua vez, aumenta a receita tributária por via dos consumos de bens de primeira necessidade a que o povo não pode fugir.

Já lhe dissemos aqui que a solução dos problemas colectivos do país está na sua mão. A solução de muitos dos problemas que afectam a nossa vida colectiva está nas opções que fazemos e nas nossas atitudes no dia a dia. Há que encorajar a rebelião do indivíduo contra o sistema, a começar por o incentivar a operar uma revolução dentro de si mesmo. É

necessário que o indivíduo abra os olhos para ver até onde a vista alcança, e tentar antever o que poderá estar para além dos seus limites físicos. É preciso também que abra a mente às diferentes formas em que os problemas se apresentam para poder considerar as múltiplas possibilidades de solução desses mesmos problemas. Em suma é preciso que cada um de nós deixe de ser um indivíduo passivo, para passar a ser um activista a tempo inteiro na defesa de uma sociedade que, acima de tudo, preze valores morais e éticos, que nos permitam viver com mais respeito, equidade e solidariedade uns pelos outros. Pode até pensar que isto é utopia, mas não é. Você pode fazer toda a diferença, basta cuidar mais e melhor do micro mundo em que vive, das pessoas com quem convive e a quem se dá, e das pessoas que por si passam.

Para terminar os escritos deste mês com a habitual dose de optimismo, acredite que apesar da crise ou crises que afectam Portugal, o Algarve ainda vai ser uma grande região deste país e da Europa, senão em superfície territorial e marítima pelo menos poderá sê-lo em inteligência, engenharia e criatividade. Temos no nosso ADN genes de grandes homens como Bartolomeu Dias que dobrou o Cabo da Boa Esperança. Tivemos João de Deus que com a sua cartilha ensinou os portugueses a ler, tivemos o Ministro Duarte Pacheco que no Estado Novo fez construir escolas primárias, estradas e pontes por todo o país. Tivemos dois Presidentes da República algarvios e um 1º Ministro. Temos actualmente um ministro da ciência algarvio e o actual Presidente da República também. Daqui se pode influir que os algarvios mais que a força dos braços que lavraram a terra do litoral á serra, e içaram as velas que os levou para lá do Bojador, têm inteligência e criatividade para grandes feitos. Vamos pois pôr a massa cinzenta a trabalhar mais para acelerar o desenvolvimento, sócio económico e científico da nossa região, para nos defendermos melhor desta e de outras crises, que este ou outros futuros governos, não saibam prever e acautelar soluções para evitar miséria, sofrimentos e vergonha, aos seus cidadãos.



Editorial

Este é o nosso último editorial de 2010, por isso, e apesar de todas as crises porque temos passado e as dificuldades por que passamos, vamos começar com uma boa dose de optimismo e esperança para contrariar aquilo que é hábito nos anteriores editoriais. Vamos pois lembrar-lhe que este é o mês mais especial do ano porque em todo o mundo cristão se celebra o nascimento de Jesus Cristo e festeja por isso o Natal. Festeja-se o nascimento de uma criança que transformou a maneira do homem ver, e estar no mundo. Festeja-se o nascimento de Jesus no seio de uma humilde mas Sagrada Família, que lhe guiou os primeiros passos e lhe ensinou as primeiras palavras, e as outras, que pregou pelas terras da Judéia e Palestina para dar ao homem outra dimensão da vida e uma fé que haviam de se propagar por todo o mundo até aos nossos dias. É isso que festejamos este mês, essa noite mágica em que nasceu Jesus numa gruta de Belém. Numa gruta que era um estábulo onde havia, conta a história, uma vaca, um burro, e algumas ovelhas, mas que não tinha luz eléctrica, não havia aquecedor, televisão, frigorífico nem fogão, nem lavatório e "sanita", e não havia assistência da parteira, do doutor ou do INEM e nem tinham telemóvel. E, ainda para cúmulo da pobreza governava o Rei Herodes que era um tirano, e depois também havia de aparecer na história um Pôncio Pilatos. Será que nos nossos dias há algum pobre, que seja assim tão pobre? Nos nossos dias o mais humilde dos carpinteiros, mesmo que esteja desempregado e seja muito pobre, tem certamente casa com televisão e outros confortos, tem telefone ou telemóvel, tem um carro com cavalos, e tem garantido o ensino dos seus filhos, bem como a assistência médica tendencialmente gratuita. Veja só a sorte que nós temos de viver no ano 2010 da era cristã, por muito pobres que sejamos o Estado garante-nos o mínimo indispensável. A única coisa má que temos no nosso tempo, comparável àquela época, são os governantes, porque temos o Sócrates que, se não manda matar as criancinhas com menos de dois anos, é porque já as condenou a uma vida de trabalho escravo para sobreviverem no futuro. E há também a figura tutelar de um presidente que, impedido de agir pela constituição da República, lava as mãos como Pilatos, e diz ao povo para decidir melhor no futuro.

